

ILUSÃO DE ÓTICA E ILUSÃO ORACULAR EM CONTOS DE OSWALDO FRANÇA JÚNIOR

Ângela Maria Salgueiro Marques¹

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar alguns contos de Oswaldo França Júnior, escritor mineiro, relacionando-os com os conceitos de ilusão de ótica e ilusão oracular, sendo esta baseada no referencial teórico proposto por Clément Rosset.

Palavras-chave: Oswaldo França Júnior. Clément Rosset. Contos. Ilusão de ótica. Ilusão oracular.

Résumé: L'objectif de cet article est d'analyser quelques contes d'Oswaldo França Júnior, auteur né a Minas Gerais (Brésil) en montrant les rapports qui peuvent être inférés entre leur contenu et les concepts d'illusion d'optique et d'illusion oraculaire. Le cadre théorique-critique prend appui sur le référentiel et sur l'approche proposés par Clément Rosset.

Mots-clés: Oswaldo França Júnior. Clément Rosset. Contes. Illusion d'optique. Illusion oraculaire.

Oswaldo França Júnior, escritor mineiro, falecido em 1989, deixou-nos um legado de treze romances e um livro de contos, intitulado *As laranjas iguais* (1996). Esses minicontos, perfazendo um total de 61, foram publicados em 1985, ou seja, vinte anos após a estreia do autor na literatura brasileira, com o romance *O viúvo*, e após já ter sido considerado um romancista de renome. Selecionei alguns contos que me parecem ser significativos dentro da proposta adotada neste trabalho: aqueles que perturbam, questionam e expõem ao leitor uma inquietude que corrobora a interrogação inicial sugerida pela epígrafe, no início do livro: “Aqueles que andam pelo campo e veem as duas laranjas maduras e iguais, como podem saber que uma é boa e outra é ruim? / Somente levando-as à boca?”. Nesse sentido, tal questionamento pode ser associado à questão do duplo, e este, por sua vez, instiga uma reflexão sobre a ilusão de ótica, bem como a ilusão oracular.

¹ Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Comunicação Social pela UFMG (2007) e mestre em Comunicação Social pela mesma instituição.

Acrescente-se, ainda, que a maioria desses contos apresenta o narrador em primeira pessoa, precisamente, quarenta textos. É um dado bastante interessante, pois representa mais de 65% do total desses contos. Quando surge esse livro, França Júnior já havia editado dez romances. Antes, havia publicado uns três ou quatro contos no Suplemento Literário do *Minas Gerais*, em 1972, sendo que o conto *Eu não o conheci* teve uma grande repercussão, tanto que, mais tarde, foi também reproduzido em um pôster.

De acordo com um documento manuscrito, presente no acervo do escritor, que atualmente se encontra no Acervo de Escritores Mineiros, na Faculdade de Letras da UFMG, esses contos são como “lampejos de visão do inconsciente” e o autor sempre escreve contos “quase como catarse”. Em outro trecho, lemos: “quando as pressões internas tornam-se muito intensas, surge um ou outro conto”. E ainda:

são contos que abordam vários aspectos de nossa suprarrealidade e todos capazes de tocar nossa sensibilidade de modo mais profundo, chegando a variar esse modo como [ilegível] a nossa própria visão da vida e o nosso estado de espírito no momento (FRANÇA JÚNIOR, manuscrito).

O trecho acima citado sofreu algumas correções: “eram rápidas visões daquilo que para ele constitui a sua realidade bem mais profunda. Visões muito pessoais que lhe causam certo pudor torná-las públicas.” Com essas correções, percebe-se que pode ser outra pessoa falando do autor, portanto, não se sabe se é um depoimento de próprio punho.

Diante do acima exposto, o propósito deste artigo é relacionar alguns contos de Oswaldo França Júnior com os conceitos de ilusão de ótica e de ilusão oracular. A primeira parte do texto apresenta alguns exemplos sobre ilusão de ótica, enquanto a segunda parte é dedicada a considerações acerca do conceito de ilusão oracular, explicitado por Clément Rosset, tema de seu livro *O real e seu duplo* (1988).

Por fim, concluirei minha reflexão, retomando a epígrafe do livro de minicontos e apontando alguns elementos que reforçam os vínculos entre as duas modalidades de ilusão e os contos a seguir selecionados.

O duplo como ilusão de ótica

Dentre os significados mais conhecidos para o vocábulo “ilusão”, podemos encontrar: ironia, objeto de zombaria, engano, decepção, quimera, devaneio, sonho, miragem, coisa efêmera, logro, mentira, burla, entre outros. No entanto, quando se trata da expressão “ilusão de ótica”, convém ressaltar, neste contexto, a seguinte acepção: “percepção visual errônea de algo objetivamente existente (forma, dimensões, cor etc.) em virtude das qualidades ambíguas do objeto, das características pessoais de quem percebe ou de ambos os fatores” (ILUSÃO DE ÓTICA. In: HOUAISS, 2001, p. 1572). Assim, verifica-se um duplo relacionado tanto com o sentido da visão daquele que observa quanto com a possível indefinição do aspecto formal do objeto, do referente. Nessa modalidade, dois contos podem ser tomados como exemplo: *O jogo* e *Um alto preço*. Em *O jogo*, essa ilusão é muito clara, conforme transcrição do conto abaixo:

Eu estava encostado a uma parede, num salão de sinuca, esperando a minha vez de jogar, quando vi o cano de uma arma de fogo apontado para a minha testa. Não havia briga e ninguém se achava armado.

De outra feita eu estava com meu fuzil no meio de uma batalha, quando vi um taco se movimentando em direção à minha testa. Não havia jogo e todos ali lutavam (FRANÇA JÚNIOR, 1996, p.73).

O narrador sente-se perplexo ante essa troca de objetos proporcionada por um deslocamento no tempo e no espaço, visto que seus sentidos não conseguem discerni-los com objetividade.

Por sua vez, o conto *Um alto preço* acrescenta um dado novo. Além da perplexidade, temos a desilusão. Um homem descreve ao narrador a cidade onde havia nascido e que correspondia a um pretense lugar ideal para se viver. Ao ser questionado sobre a localização de tal lugar, o homem responde: “– O preço é uma ilusão”. Durante vários anos, o narrador procura criar uma ilusão, volta e a entrega ao homem. Este a examina e diz: “– É realmente uma ilusão”. E lhe ensina o caminho. Então, o narrador lastima:

Coloquei dentro do carro o que eu possuía e segui em direção à cidade. Quando ela surgiu ao longe, fiquei extasiado com a beleza de suas casas e de suas ruas. Ao me aproximar, no entanto, percebi meu engano: não existiam casas, ruas ou pessoas. Tudo era apenas uma miragem (FRANÇA JÚNIOR, 1996, p. 84).

Ainda a reiterar a estreita relação entre os dois contos, é possível notar a incrível semelhança com o conto *As duas pedras*, pois se constata uma (des)ilusão que se apresenta no final do texto, já que a proximidade com o objeto desfaz uma ideia ilusória formulada a seu respeito. No caso desse conto, o narrador, em primeira pessoa, divisa, de sua janela, duas pedras no alto do morro. Um dia, resolveu abandonar seu apartamento para viver nesse lugar, enquanto pensava: “quando me cansar do morro, olharei em direção à cidade e, vendo a janela do meu apartamento, sentir-me-ei sem ânimo para a volta” (FRANÇA JÚNIOR, 1996, p. 72). Contudo, assim que chega a esse lugar, a realidade é outra: o tempo está frio, os cavalos que por lá pastavam fogem à sua chegada e as pedras são irregulares. E ele reflete: “Olho para a cidade e não consigo distinguir, entre tantas janelas, qual era o meu posto de observação” (FRANÇA JÚNIOR, 1996, p. 72).

A duplicação processa-se no objeto – duas pedras – e no sujeito, devido à mudança do lugar de observação. Quando se muda esse posto de observação, o que sobressai, em ambos os casos, é a diferença de perspectiva: de perto, as pedras são irregulares e não condizem com sua beleza vista de longe. Por outro ângulo, lá no morro, ao lado das duas pedras, o narrador procura uma janela que desaparece em meio a tantas outras...

De modo semelhante, mais um conto que aborda essa questão é *A cidade*. Trata-se de uma pequena cidade formada por apenas doze casas e uma torre, cuja visibilidade só é possível depois que se desce aos vales. Um aspecto a ser ressaltado é que ela foi encontrada graças à imaginação dos exploradores. Lá de cima a cidade não pode ser vista, pois está sempre coberta de bruma, além da chuva que é constante: “Disseram, os que encontraram a cidade, que a torre é de madeira e as casas estão vazias. Todas elas desertas. E que é uma cidade inacessível” (FRANÇA JÚNIOR, 1996, p. 74).

Assim, tais contos exemplificam a referência a um lugar utópico, e eles, por sua vez, problematizam a questão da ilusão de ótica, o que, nesses casos, seria a diferença provocada pelo ponto de vista, devido à mudança do lugar de observação. Nesse último conto, a cidade torna-se visível somente depois que

se desce aos vales, quando o observador dela se afasta. Ao passo que no conto *Um alto preço*, a ilusão configura-se como miragem, já que, ao se aproximar da cidade, o narrador percebe que fora enganado, constatando a inexistência de casas, ruas ou pessoas. Dessa forma, temos a proximidade que leva à percepção do nada e o distanciamento que possibilita avistar uma cidade, ainda que inacessível.

O duplo como ilusão oracular

Além dos exemplos vistos anteriormente, relacionados com a ilusão de ótica, outro se configura: é o caso da ilusão oracular. Esta, por sua vez, refere-se ao oráculo, cujo significado é a resposta de uma divindade a uma questão formulada por quem a consultava. Na literatura grega, encontram-se vários exemplos, como a personagem Tirésias, da tragédia *Rei Édipo*, de Sófocles. O que a distingue da ilusão de ótica é que a ilusão oracular está mais ligada à interpretação da(s) resposta(s) a uma consulta, pois estabelece um jogo de enunciação, enredando dois parceiros: o consultante e aquele que fala pelo oráculo. Tal jogo envolve a cena da interação (situação), a relação construída no encontro entre dois discursos (profético e crente) e a performance dos interlocutores. Assim, a ilusão oracular é, além de uma poderosa construção discursiva, uma *mise-en-scène* que apresenta uma possível história e esta se torna real pela combinação da retórica do oráculo e da crença do consultante.

Nessa esfera, vale registrar os seguintes contos: *A vida de um homem*, *O telefonema*, *Os homens fracos do mar* e *As coisas passam*. No primeiro, conta-se a história de um homem que vive na expectativa de que algo fantástico lhe aconteça. Assim, passou a vida inteira enclausurado dentro de casa. Na hora de morrer, seu amigo lhe disse: “Agora já é tarde para que as coisas lhe aconteçam” (FRANÇA JÚNIOR, 1996, p. 28).

Ideia análoga pode ser encontrada no conto *O telefonema*: um homem saiu para trabalhar, mas não foi para o escritório e sim tomou o caminho do aeroporto. Hospedou-se num hotel e forneceu dados falsos. Trancou a porta e ficou aguardando que o telefone tocasse: “O telefone não tocou uma vez e o

homem morreu de fome e sede sentado na cama, esperando que alguém telefonasse” (FRANÇA JÚNIOR, 1996, p. 24).

O que ocorre nesses dois contos não é precisamente uma duplicação. Embora nada de extraordinário aconteça no final dessas duas narrativas, pois o que se vê é apenas a malograda expectativa de ambas as personagens, as conexões entre os dois contos parecem apontar uma proximidade concernente à questão da ilusão oracular – desdobramento do acontecimento. De acordo com Clément Rosset, esse desdobrar evoca a própria estrutura do oráculo: “o real que se oferece imediatamente é um substituto, assim como o acontecimento que verdadeiramente ocorreu é uma impostura” (ROSSET, 1988, p. 42).

Clément Rosset trata de três exemplos que ilustrariam a estranha faculdade que possui o oráculo de surpreender, ao mesmo tempo em que não frustra nenhuma expectativa real. É possível notar, tomando-se apenas como exemplo o *Édipo Rei*, de Sófocles, que a ambiguidade inerente à palavra profética “não consiste no desdobramento de uma sentença em dois sentidos possíveis, mas, ao contrário, na coincidência dos dois sentidos que só depois se vê que são dois em aparência, mas um na realidade” (ROSSET, 1988, p. 31). Por essa razão, o acontecimento previsto anula a previsão de um duplo possível. Mas o autor alerta para o fato de que “toda duplicação supõe um original e uma cópia, e se perguntará quem é o modelo e quem o duplica, o ‘outro acontecimento’ ou o acontecimento real” (ROSSET, 1988, p. 34-35). Esse argumento pode ser encontrado no conto *Os homens fracos do mar*. Convém transcrevê-lo na íntegra:

OS HOMENS FRACOS DO MAR

Depois de percorrer todo o mundo percebi que era em minha terra que residia a verdade. E voltei ao local onde nasci. Ao chegar soube que um homem do mar havia chegado à praia e avisado que nossos irmãos das montanhas preparavam-se para nos invadir. E que eles viriam nos matar, roubar nossas mulheres e queimar nossas casas.

Todos se preparavam para resistir à invasão dos homens das montanhas e eu, como amante da minha terra, auxiliei nos preparativos.

E no local onde nasci não falamos nem fizemos outras coisas que não fossem os preparativos para a luta.

E foi, então, que numa noite, quando estávamos em nossas posições de defesa, vendo as fogueiras dos irmãos que viviam nas montanhas e que iriam nos atacar, fomos invadidos, nossas mulheres roubadas e nossas casas incendiadas, tudo pelos homens vindos do mar (FRANÇA JÚNIOR, 1996, p. 30).

O detalhe relevante é que o elemento surpresa – um homem desconhecido vindo do mar – consegue ludibriar os habitantes dessa cidade. Assim, o título desse conto *Os homens fracos do mar* encerra um paradoxo, pois, sendo estes homens os reais invasores, pode-se perceber o “falso oráculo” do homem desconhecido. Além de não tomarem o cuidado de investigar a veracidade da mensagem trazida por esse estrangeiro, os habitantes da cidade também não conseguiram se preparar adequadamente, calculando todas as possíveis estratégias a fim de revidar o ataque, o que demonstra sua fraqueza e vulnerabilidade.

Logo, para esclarecer essa sensação de engano, provocada por uma impostura, recorra-se à seguinte explicação de Rosset: “Se é verdade que o acontecimento surpreendeu a expectativa ao mesmo tempo em que a satisfazia, é que a expectativa é culpada, e o acontecimento inocente. O logro não está, então, do lado do acontecimento, mas do lado da expectativa” (ROSSET, 1988, p. 24).

O conto permite, pois, ilustrar a afirmação de Rosset, quando assevera que a realidade é outra, “a outra”, ou seja, ela é única, “idiota”. Referindo-se a *Macbeth*, no momento em que este afirma que a realidade é efetivamente idiota, Rosset esclarece que idiota não significa imbecil, “significa simples, particular, único de sua espécie”. Assim é, na verdade, a realidade, e o conjunto dos acontecimentos que a compõem: simples, particular, única, – *idiotès* – , “idiota” (ROSSET, 1988, p.39).

Em outro aspecto, o conto *As coisas passam* inicia-se com a seguinte assertiva: “Não há meio das [sic] coisas seguirem junto com o homem” (FRANÇA JÚNIOR, 1996, p. 34). A seguir, o narrador, em terceira pessoa, enumera as seguintes coisas que vão sendo trocadas ao longo da vida: uma calça, a camisa, os cigarros, os fósforos, e a tarde que passa dando lugar à noite. Tudo ele trocou. “E o homem morreu sozinho. E mesmo quando morreu

seus sonhos eram outros” (FRANÇA JÚNIOR, 1996, p. 34). Nessa perspectiva, o conto ressalta, mais uma vez, a questão da ilusão oracular e reforça nossa consciência sobre a incrível precariedade da vida, estampada na impossibilidade de se manter certa fixidez para as coisas e tampouco para o sujeito.

Sem desconsiderar as particularidades de cada tipo de ilusão, o que importa salientar é que, na ilusão de ótica, temos dois elementos imprescindíveis para que se observe a oposição entre eles, seja por proximidade, afastamento, perspectiva de observação, visão errônea do sujeito, indefinição do aspecto formal do objeto, entre outros. Já na ilusão oracular, o ponto a ser destacado é a necessária prevalência de apenas um sentido a ser apreendido pela presença ambivalente dos elementos discursivos que formam esse duplo. O jogo estabelecido com o sentido do discurso, neste caso, nos permite entrever a “coincidência de dois sentidos que são dois em aparência, mas um na realidade”.

Diante desses textos, cabe, enfim refletir sobre as reincidentes (des)ilusões que acontecem no final de cada conto e voltar ao questionamento da epígrafe que abre essa coletânea: “como saber que uma [laranja] é boa e outra é ruim? / Somente levando-as à boca?”. Seguindo as pistas de Oswaldo França Júnior, parece-me plausível, então, afirmar que, seja qual for a ilusão, a melhor atitude que nos resta adotar é aceitar o risco de prová-la.

Referências

FRANÇA JÚNIOR, Oswaldo. *As laranjas iguais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. (Série Lerelendo).

ILUSÃO DE ÓTICA. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. Trad. José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM Editores, 1988.